



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A URBANOGRAFIA COMO TEMA GERADOR PARA A EDUCAÇÃO: PROPOSIÇÕES PARA UM ENSINO DE ARTES CONTEXTUALIZADO

Ingyrd Hayara dos Santos (1); Cecilio Ricardo de Carvalho Bastos (2); Márcio Pedro
Carvalho Pataro de Queiroz (3)

Universidade do Estado da Bahia, ingyrd.hayaracs@gmail.com (1);

Universidade do Estado da Bahia, cecilioricardo@gmail.com (2);

Universidade do Estado da Bahia, marciopataro77@gmail.com (3)

Resumo: Incluir a urbanografia como tema gerador para a educação surge como uma oportunidade de emergir associações que buscam contribuir com o aperfeiçoamento das capacidades interpretativas dos jovens estudantes. Arte urbana ou urbanografia são intervenções desenvolvidas em ambientes públicos que dialogam com a realidade da comunidade. Essas intervenções têm despertado o interesse da pesquisa, principalmente, pela curiosa capacidade de fazer a rua construir verdades. Desenvolvem uma subjetiva formação de saberes, transformando paredes, portas, calçadas e qualquer pedaço do espaço urbano em interessantes cadernos a céu aberto. Partindo de um olhar construído durante os encontros do Projeto de Pesquisa Cartografia Urbanográfica no Sertão do São Francisco (CAUS), esse estudo propõe discutir a inserção da urbanografia na sala de aula como um tema gerador, com a finalidade de potencializar, entre outras capacidades, a relação de pertencimento no espaço em que vive, a criatividade e o senso crítico dos jovens estudantes no percurso de aprendizagem da arte.

Palavras-chave: Urbanografia, Educação Contextualizada, Arte.

Introdução

A relação entre homem e cidade começou a ser constituída diante de diversos fatores coletivos, econômicos e tecnológicos. No Brasil, entre as décadas de 1950 e 1970, houve um grande deslocamento da população do campo para a cidade e esse intenso crescimento populacional nos grandes centros resultou em uma ampliação da área urbana (GOMES, 2004). Em decorrência desse acréscimo, surgiram novas configurações da relação entre a comunidade e a estrutura física do urbano, alterado progressivamente pela ação de humanos e não-humanos. Essas ações passaram a caracterizar o panorama urbano, ao mesmo tempo em que esse espaço físico manteve uma influência sobre a comunidade.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A paisagem urbana neste contexto pode ser entendida com um conjunto de elementos que se encontram inter-relacionados numa dinâmica urbana-antrópica-ambiental, sofrendo modificações, sendo (re)criada através desse processo “evolutivo” do capitalismo tornando-a vulnerável a tais modificações econômicas existentes e às intervenções antrópicas, agentes atuantes nesse cenário urbano. (MELAZO, 2005, p. 46)

Esse cenário favoreceu o empoderamento da arte contemporânea no Brasil, dedicando-a uma maior propagação, ainda que marginalizada. Segundo Cartaxo (2009), esse período foi marcado por uma nova geração de artistas que buscavam aproximação com o público e a construção de vínculos atrelados aos aspectos urbanos. Respectiva aproximação não teve motivações apenas estéticas. Iniciava um novo período da arte ligada à política, cultura e comunidade. A partir disso, surgem os espaços alternativos de disseminação da arte para além dos museus e galerias e a urbanografia, então, passa a se desenvolver como manifestação artística pública.

As interações que se mantinham contribuía para que determinados gêneros da arte perdessem, em certa medida, uma espécie de institucionalização que os conservavam em um espaço formal específico; a se considerar museus, teatros, galerias, entre outros. Momento em que a arte transpassa e se apropria de novos sítios. Amostras em espaços públicos adquirem uma nova dimensão contextual que envolve diretamente o espectador na realização da obra, configurando, assim, as percepções da realidade e reconfigurando, momentaneamente, a cidade (MENDES, 2012).

Ainda que proporcione o livre acesso, a urbanografia apresenta diversas outras características que a torna uma manifestação singular: o anonimato do autor (mesmo não se constituindo como algo constante), a efemeridade das intervenções, a relação do espaço com a narrativa e linguagem da obra, etc. Esse conjunto de peculiaridades costuma dificultar o olhar transitório da comunidade a fim de conceber as auras atinentes. Comumente, o *status* de obra de arte é imediatamente transferido para peças que estão nas salas com chancela e que possuem um tratamento formal para agregá-las. Contudo, no que se refere à urbanografia, esses espaços tendem a restringir a conexão entre a obra e as particularidades intrínsecas da rua, incluindo o cheiro, o som, as intempéries, a circulação dos objetos e das pessoas.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Contrariando determinados aspectos da lógica do mercado de arte, a urbanografia anula alguns condicionamentos criados pela indústria cultural. O indivíduo não precisa deslocar-se indo até museus, galerias ou possuir poder aquisitivo para ter acesso a uma obra, pois essas intervenções estão expostas de maneira democrática no cenário urbano, o transformando em um espaço público de estética e significação (BACCILE, 2015). Linhas e pontos são expostos com o objetivo de atrair a atenção do receptor, que já não tem um posicionamento passivo diante dessas intervenções, visto que, além de expor parte de sua realidade, existe um desígnio reflexivo.

Uma possível adoção destes espaços pode gerar a reaproximação entre o indivíduo e o mundo. “A cidade com sua dinâmica se converte num reflexo do mundo e o artista, atento a isto, utiliza-a como meio de reflexão das relações entre o sujeito e a realidade” (CARTAXO, 2009, paginação irregular). A experiência estética resultante dessa aproximação cria uma nova relação afetiva entre homem e cidade, da qual esta irá refletir, de forma menos formal, um conjunto de verdades em meio a complexa pluralidade dos aspectos. Ou seja, a cidade não será vista apenas com sua função cotidiana, mas como um meio capaz de visibilizar a realidade da comunidade e um espaço possível de amplas leituras. Incumbe sustentar que as manifestações artísticas urbanas não se limitam apenas a modificar cenários públicos com seu potencial estético. Sua existência torna-se fonte rica de conhecimento intelectual e cultural.

A inserção da urbanografia na sala de aula como tema gerador surge como uma oportunidade de emergir associações que buscam contribuir com o aperfeiçoamento das capacidades interpretativas dos jovens. Apesar de a urbanografia aglomerar diferentes formas de expressão, este estudo se atém às manifestações visuais, discutindo como as cores, os formatos, a mensagem estética e política influenciam no envolvimento do indivíduo frente às questões estabelecidas em seu meio. Além desse aspecto, busca citar como essas manifestações podem contribuir para o amadurecimento do consumo de arte e o desenvolvimento metodológico e crítico nos contextos de ensino-aprendizagem. Vale ressaltar que a arte urbana é um tema interdisciplinar que pode ser contemplado pelos diversos componentes curriculares. Entretanto, esse estudo está correlacionado com a mediação no curso de Artes em séries do ensino fundamental.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Metodologia

Esta investigação teórica parte de um olhar construído durante as reuniões do Projeto de Pesquisa Cartografia Urbanográfica no Sertão do São Francisco (CAUS). A pesquisa desenvolvida pelo grupo, baseado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tem por objetivo conceber, por meio das tecnologias locativas, um mapeamento da urbanografia no Sertão do São Francisco, registrando paisagens metamórficas, expressões de resistência, negações, aceitabilidades e estratégias, na perspectiva de potencializar os fluxos de conhecimento em espaços livres.

Este percurso metodológico, que se constitui como parte integrada aos estudos do projeto, cumpriu uma revisão sistemática da literatura através da busca de artigos e estudos relacionados à educação contextualizada com o Semiárido e à urbanografia. Coletou-se artigos em bases de dados e periódicos eletrônicos, além da consulta a obras de autores clássicos da educação. Estratégias como essa tem a finalidade de manter o pesquisador próximo às problematizações em torno do tema de interesse. Isso proporciona um diagnóstico que contribui para a caracterização de novas abordagens (MARCONI, 2003).

O estudo reflete um conjunto de procedimentos analíticos debruçados sobre um grande volume de informações publicadas e anotações provenientes de observações de campo, tentando constituir, inclusive, uma sutil exposição plana da relação entre humanos e objetos nos espaços escolares. Nesse sentido, as leituras dos pesquisadores sobre a totalidade da literatura colecionada convergiu sob inspirações da Teoria Ator-Rede (TAR), isto é, no plano dos acontecimentos, todos participam das ações e desencadeiam transformações.

O método de Latour (2012) oferece a possibilidade de construir um mapeamento das associações que se estabelecem entre os elementos heterogêneos identificados em uma fração relacionada e facilita a tradução dos eventos dentro desse coletivo. A urbanografia foi enxergada, diante a TAR, como um elemento mediador, carregado de complexidades, capaz de transformar, traduzir, distorcer e alterar o significado dos elementos que interagem. Isso ratifica a capacidade dessas manifestações em gerar conexões e facilitou a averiguação de associações possíveis entre métodos escolares estabelecidos pelos currículos e a arte urbana.



Reflexões sobre a urbanografia e o ensino de Artes

O ensino de Artes esteve regulamentado desde o início da década de 1970, quando a Lei 5.692 o reconhecia com o título de Educação Artística e, portanto, se estabelecia como componente curricular obrigatório. Entretanto, na prática, o ensino de arte não se dedicava aos conteúdos que buscam desenvolver a percepção de linguagens ou as experiências criativas. Normalmente, se aproximavam de adaptações que criavam atividades com propostas distantes das práticas reflexivas. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) traz alterações para o componente, ressaltando a proposta de promover o desenvolvimento cultural dos estudantes da Educação Básica. O texto foi alterado em 2010, enfatizando o ensino da arte especialmente em suas expressões regionais. Além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o Estado lança os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (PCN) com finalidade de auxiliar e propor encaminhamentos direcionados a mediação do componente Artes no ensino fundamental.

A partir das ações de educadores junto ao Ministério da Educação (MEC), o ensino da arte ganhou novo acompanhamento e passou a contemplar propostas preocupadas em ampliar a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação dos estudantes. Esse trajeto foi importante para desconstruir a limitada percepção de arte enquanto suporte, adereço ou alegoria, e não como área do conhecimento humano. Por outro lado, apesar do reconhecimento curricular como área cognitiva, o desenvolvimento do ensino-aprendizagem da arte não pode ser restrito a programas engessados. “A idéia da livre expressão, originada no expressionismo, levou a idéia de que a arte na educação tem como finalidade principal permitir que a criança expresse seus sentimentos e a idéia de que a arte não é ensinada, mas expressada” (BARBOSA apud SOLANO, 2009, p. 105). É preciso estimular a cultura da arte e, através dela, desenvolver os aspectos para permitir a criação e a percepção estética dos educandos como forma de conhecimento e expressão.

Com inúmeros benefícios direcionados ao conhecimento e desenvolvimento cultural, a urbanografia não se limita a experiências estéticas. A arte urbana se revela como um agente ativo na formação das associações no coletivo e desenvolvimento do pensamento crítico. As



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

intervenções surgem na paisagem com o intuito de criar questionamentos através de sua contínua (re)constituição, considerando as diversas etapas do processo criativo. As mensagens subentendidas nos traços, comumente, trazem uma representação do espaço percebida pelo autor. Trata-se de um modo de existência atrelado às estratégias de se expressar e comunicar, uma vez que parecem buscar potencializar a competência de propagar mensagens, na medida em que anseia o desdobramento de outras traduções. Segundo Mazetti (2006), o próximo agente abarcado por esta rede passa a criar um diálogo com as informações que lhe são acessíveis, já que o papel dele não se resume a simples recepção.

É possível identificar, que através da arte, o educador tem fortes possibilidades de propiciar o surgimento de sentidos nas experiências do educando. As inter-relações entre comunidade e cidade permitem que os estudantes desenvolvam a percepção ambiental, promovendo a assimilação da linguagem visual urbana. Em decorrência disso, a cidade soma a sua função cotidiana os aspectos de fonte de aprendizagem.

Através da apropriação dos espaços caracterizados por manifestações artísticas visuais, os educandos têm a liberdade de explorar elementos presentes na cidade que extrapolam as discussões da sala de aula. Nas ações do CAUS e em diversas outras espalhadas pelo Brasil, esse contato se mostrou como uma importante oportunidade dos jovens perceberem que através da cidade podem ressaltar suas necessidades. Elencando um canal comunicativo e sucumbindo invisibilidades, possibilita o fortalecimento de uma relação sensível e estética entre jovens e o espaço que os cercam.

A própria cidade se faz matéria de criação não apenas do artista, mas de todos que reinventam os sentidos do espaço urbano através da experiência estética compartilhada. A intervenção artística – enquanto arte contextual – instaura uma heterotopia efêmera (heterocronia) na qual a singularidade das relações redefine o “lugar cidade” pelo contato entre estranhos. (MENDES, 2012, paginação irregular)

A urbanografia se torna um objeto de estratégia para (re)aproximar jovens com a realidade urbana. Isso se deve ao fato das manifestações artísticas darem ênfase a temas que representam a vida cotidiana, muitas vezes carregada de traços político-sociais. Cartaxo (2009) ratifica que “a arte nos espaços públicos lida com a recuperação das relações entre o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

homem e o mundo, entre o sujeito e a cidade, tendo em vista os problemas que a área urbanística vem enfrentando e que afetam tais relações” (p. 14). Logo, com a disseminação das manifestações visuais, a cidade, então, toma para si a efemeridade presente nas obras e se transforma em um organismo constantemente sujeito a mutações. Sua atual dinâmica se caracteriza pelo contato direto com imagens, cores e luzes em quantidades nunca registradas antes. Frente a essa exposição, há a necessidade de incorporar na educação, sobretudo nas aulas de Artes, o estímulo voltado para enxergar, analisar e interpretar essas manifestações como parte existencial da cidade. Reconhecida como fonte de conhecimento intelectual e cultural, a urbanografia pode, ainda, auxiliar o educando a conectar a realidade próxima a totalidades mais abrangentes. Esse eixo conceitual se posiciona muito próximo das considerações de Paulo Freire (2009) sobre o ensino com o uso de temas geradores.

[...] os temas geradores são temas que servem ao processo de codificação-decodificação e problematização da situação. Eles permitem concretizar, metodologicamente, o esforço de compreensão da realidade vivida para alcançar um nível mais crítico de conhecimento dessa realidade, pela experiência da reflexão coletiva da prática social real. [...]. A avaliação é um processo coletivo cujo foco não é o ‘rendimento’ individual, mas o próprio processo de conscientização. O diálogo é, portanto, o método básico, realizado pelos temas geradores de forma radicalmente democrática e participativa. (TOZONI-REIS, 2006, p. 104)

A inserção ampla da arte urbana na sala de aula proporcionaria uma aprendizagem contextualizada, estimulando todos os atores a promover ações desafiadoras atreladas à área do conhecimento. Uma vez que essas intervenções geralmente questionam problemas ligados à comunidade, os estudantes teriam a possibilidade de se reconhecer como um agente de transformações. Além disso, considerando experimentos de pesquisadores, poderia haver uma facilidade na absorção de conteúdos devido a uma identificação com os discursos, já que essas manifestações dialogam com a realidade que o cerca.

Considerações finais

A aprendizagem da arte não apenas gera uma interdisciplinaridade de conhecimentos aplicados na vida em comunidade, mas o exercício da capacidade perceptiva e sensitiva.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

“Pensar numa educação com Arte, é antes de tudo, pensar numa educação que dê ao aluno a chance de poder desenvolver seu potencial de criação, de produção, de execução de suas atividades” (NASCIMENTO, 2012, não paginado).

Artes, como disciplina obrigatória no currículo do ensino fundamental, intercede no exercício pedagógico transformando o ensino baseado na memorização e repetição em uma educação voltada a formação do indivíduo apto a subjetivar as complexidades do mundo. Frente a isso, a urbanografia surge como um tema gerador a partir da necessidade que o educador tem em explorar outras táticas que inovem a prática pedagógica.

Partindo do conceito sobre temas geradores, desenvolvido por Paulo Freire (2009), a urbanografia inserida nas salas de aula se caracteriza como significativo elemento que se faz presente no cotidiano do educando e educador. Através dessa contextualização, o estudante compreende a necessidade de estar aprendendo determinado conteúdo, ampliando seu interesse em uma escala constante, na mesma medida em que o próprio conteúdo abordado perfilha o educando como indivíduo fundamental.

É papel da escola garantir que os estudantes estabeleçam vínculos com os modos de produção e sua aplicação na comunidade. No campo das Artes, torna-se significativo reconhecer que as manifestações visuais urbanas podem contribuir para o conhecimento e o envolvimento dos educandos em questionamentos referentes ao coletivo. É necessário abandonar os modelos estereotipados que contribuem para o empobrecimento cultural do estudante e aderir a metodologias que possibilitem o envolvimento com a comunidade e o espaço que o cerca. Implica na colocação do educando como indivíduo ativo no processo pedagógico, instigando, assim, formas de expressar perspectivas de sua realidade, expor a intelectualidade, expandir a atividade criativa e desenvolver a multiculturalidade. Além disso, o educando é levado a reconhecer e valorizar algo cada vez mais presente em nosso território, a participação ativa nos contextos decisivos de organização política e comunitária.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Referências Bibliográficas

BACCILE, Claudia Vasconcelos. Intervenções urbanas: a convergência da arte e comunicação em ambientes espaciais e culturais, sob um olhar estético e de significação. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. Campo Grande (MS), 4-6 jun. 2015. Paginação irregular. **Anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0068-1.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L5692.htm>. Acesso em: 23 jul. 2015.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 23 jul. 2015.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

CARTAXO, Zalinda. Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. **O Percevejo Online**, Rio de Janeiro (RJ), v. 1, n. 1, 2009. Paginação irregular. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/431/380>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre; SOARES, Beatriz Ribeiro. Reflexões sobre qualidade ambiental urbana. **Estudos Geográficos**, Rio Claro (SP), v. 2, n. 2, p. 21-30, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/geoesp/arquivos/artigos/ArtigoAmbienteQualidadeAmbientaUrbana.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Gilson César Cardoso de Sousa (Trad.). Salvador: Edufba, 2012. Bauru: Edusc, 2012.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MAZETTI, Henrique Moreira. Intervenção urbana: representação e subjetivação na cidade. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília (DF), 6-9 set. 2006. Paginação irregular. **Anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0682-1.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

MELAZO, Guilherme Coelho. Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. **Olhares e Trilhas**, Uberlândia (MG), v. 6, n. 6, p. 45-51, jan./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olhases trilhas/article/view/3477/2560>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

MENDES, Eloísa Brantes. Cidades instáveis: intervenção artística como experiência heterotópica do espaço urbano. **O Percevejo Online**, Rio de Janeiro (RJ), v. 4, n. 2, ago./dez. 2012. Paginação irregular. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/viewFile/2923/pdf_736>. Acesso em: 11 jun. 2015.

NASCIMENTO, Vanderléia Santos de Jesus. Ensino de arte: contribuições para uma aprendizagem significativa. In: II Encontro Funarte de Políticas para as Artes: interações estéticas em rede. Rio de Janeiro (RJ), 12-14 nov. 2012. Não paginado. **Anais**. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2013/04/artigo-para-submiss%C3%A3o-pela-funarte_Vanderl%C3%A9ia-Santos.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2015.

SOLANO, Samantha Cristina; SANTOS, Maria Alice de Paula. O preconceito do ensino da arte: conhecer para transformar. **Revista Educação**, Guarulhos (SP), v. 4, n. 1, p. 103-107, nov. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/469/576>>. Acesso em: 22 jul. 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Temas ambientais como temas geradores: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. **Educar em Revista**, Curitiba (PR), n. 27, p. 93-110, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/6467/4656>>. Acesso em: 27 jun. 2015.